

TRÊS METROS

QUADRADOS

projeto de intervenção cênica
sobre violência institucional

kiwi companhia de teatro

são paulo | 2015





apresentação	5
necessidades técnicas	6
ficha técnica	6
trajetória da kiwi companhia de teatro	8
montagens teatrais	10
leituras dramáticas e experiências cênicas	11
objetivos gerais da kiwi companhia de teatro	12
currículos da equipe artística	13
contatos	15
clipping	16

SUMÁRIO

TRÊS METROS QUADRADOS

intervenção cênica sobre a violência institucional



APRESENTAÇÃO

A partir do projeto **MORRO COMO UM PAÍS – A EXCEÇÃO E A REGRA**, desenvolvido desde 2012 com apoio do *Programa de Fomento ao Teatro para a Cidade de São Paulo* e vencedor do *Prêmio Shell* de melhor atriz (2013/14), a **KIWI COMPANHIA DE TEATRO** criou a intervenção cênica **TRÊS METROS QUADRADOS**, que utiliza trechos de depoimentos de ex-prisioneiro(a)s político(a)s e outros materiais documentais sobre violações de direitos humanos, para abordar temas relacionados à violência institucional e, em particular, aos períodos ditatoriais de países latino-americanos.

O trabalho é fruto de três anos de pesquisas que incluiu estudos teóricos, viagens de estudo (especialmente à Argentina, em dezembro de 2012), reunião e análise de material iconográfico e musical, participação em debates, seminários e acompanhamento de coletivos que lutam por memória, verdade e justiça.

O resultado é uma intervenção teatral com 40 minutos de duração, executada pela atriz Fernanda Azevedo. O espaço cênico é formado por três metros quadrados de área vermelha, representando a metragem de celas utilizadas durante as ditaduras do cone sul nos anos 1970 (Brasil, Argentina, Chile e Uruguai). Compõe a intervenção, além de adereços, um manequim articulado em tamanho natural, representando figuras de autoridade e poder (militares, policiais, eclesiásticas etc.).

O trabalho se propõe a dialogar com públicos diversos, com atenção especial aos jovens com idade entre 14 e 25 anos. Reunindo informações didáticas e criação poética, arte e reflexão social, estética e política, **TRÊS METROS QUADRADOS** se soma aos esforços para pensar um projeto de nação em que palavras como justiça e igualdade façam parte, de fato, do cotidiano.

Recentemente os trabalhos das diferentes *Comissões da Verdade* (Comissão Nacional, comissões estaduais, municipais, temáticas, por local de trabalho, de entidades representativas) e as discussões impulsionadas por movimentos de Memória, Verdade e Justiça, colocaram na ordem do dia a amnésia programada – ou a política sistemática de esquecimento – que sufocou o debate e forjou um falso consenso sobre episódios decisivos da nossa história recente. De forma mais específica, queremos relembrar, divulgar e debater o significado das lutas contra o regime militar ditatorial nos anos 60/70 para refletir sobre o Brasil atual e seus desafios.

Em 2014 o golpe civil-militar completou 50 anos. As novas gerações, a quem nosso trabalho dedica especial atenção, nada ou pouco conhecem dos fatos. Por isso propomos, como complemento do trabalho, a organização de conversas temáticas após as apresentações.

Estas atividades farão, simultaneamente, a reflexão política sobre o período e suas múltiplas implicações, e a discussão sobre a dimensão cultural e estética, destacando as capacidades e as limitações das ações artísticas como ferramenta de análise e intervenção social.

NECESSIDADES TÉCNICAS

A intervenção cênica pode ser apresentada em espaços não teatrais, com uma luz geral, necessitando apenas de uma área com cerca de sete metros quadrados, mais espaço para acomodar o público. Um equipamento de som será fornecido pela *COMPANHIA*.

FICHA TÉCNICA

realização *Kiwi Companhia de Teatro*

roteiro e direção geral *Fernando Kinas*

elenco *Fernanda Azevedo*

cenário *Júlio Dojesar*

figurino *Maitê Chasseraux*

pesquisa e música original *Eduardo Contrera*

direção de produção *Luiz Nunes*

assistência de produção *Dani Embón*

programação visual *Camila Lisboa*





TRAJETÓRIA DA KIWI COMPANHIA DE TEATRO (1996-2015)

A *KIWI COMPANHIA DE TEATRO* surgiu em 1996 e produziu uma quinzena de montagens teatrais. Além das peças, o grupo realizou leituras dramáticas de autores como Beckett, Kafka, Hilda Hilst, Elfriede Jelinek, Heiner Müller, Julio Cortázar e Martin Crimp, organizou cursos, oficinas e debates sobre a encenação e a dramaturgia contemporâneas e eventos multiartísticos. A *COMPANHIA* publica, desde 2013, o caderno de estudos *Contrapelo*. Um dos objetivos do grupo responde à necessidade de, simultaneamente, fazer e pensar o teatro, contribuindo para a construção de pensamento crítico à respeito da sociedade brasileira.

A *COMPANHIA* é formada por componentes fixos e colaboradores em diversas áreas: Fernanda Azevedo, Fernando Kinas, Luiz Nunes, Daniela Embóm, Maria Carolina Dressler, Eduardo Contrera, Elaine Giacomelli, Julio Dojcsar, Heloísa Passos, Maysa Lepique, Paulo Fávori, Clébio Souza (Dedê), Carolina Abreu, Mônica Rodrigues, Demian Garcia, Camila Lisboa, Marina Weller, Paulo Emílio, Clóvis Inocêncio, Gavin Adams e Marie Ange Bordas.

Os trabalhos da *COMPANHIA* foram apresentados em diversas cidades do país e participaram de vários festivais e encontros de teatro e performance (Bogotá, Los Angeles, Recife, São José do Rio Preto, Salvador, Rio de Janeiro, Curitiba, Florianópolis, entre outros). Em 2007 a companhia foi selecionada pelo Programa de Fomento ao Teatro para a Cidade de São Paulo com o projeto **TEATRO/MERCADORIA – ESPETÁCULO E MISÉRIA SIMBÓLICA**, que incluiu apresentações teatrais, oficinas, debates e a realização de dois eventos multiculturais (“festa & ideias”).

Ainda em 2007 a *KIWI COMPANHIA DE TEATRO* foi convidada pelo SESC São Paulo para mostrar parte do seu repertório na *Mostra Sesc de Artes*. As atividades incluíram três peças e três processos de trabalho, seguidos de debates. Em 2008 a *COMPANHIA* representou o Brasil no *Seminário Internacional de Performance e Feminismo Actions of Transfer – Women’s performance in the Americas*, organizado pela Universidade da Califórnia (UCLA), Estados Unidos. O grupo produziu, em parceria com As Atuadoras, o documentário *Actions of transfer – O olhar brasileiro*, com apoio institucional da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres do Governo Federal.

Em agosto de 2009 a *KIWI COMPANHIA DE TEATRO* apresentou em Bogotá (Colômbia) a performance **CARNE – HISTÓRIAS EM PEDAÇOS** no 7º *Encuentro Ciudadanias en Cena*, organizado pelo Instituto Hemisférico de Performance y Política.

Em 2010 a companhia foi mais uma vez selecionada pelo Programa de Fomento ao Teatro para a Cidade de São Paulo, agora com o projeto **CARNE – PATRIARCADO E CAPITALISMO**, que se estendeu até setembro de 2011. Este projeto incluiu apresentações teatrais, oficinas, debates, ciclo de filmes, intervenções urbanas e a realização de dois eventos multiartísticos (“festa & ideias”). Em 2011 o grupo foi contemplado com o Prêmio Myriam Muniz (MINC/FUNARTE) para apresentar o trabalho cênico **CARNE** no Estado do Pará (Belém e Marabá) e no interior de São Paulo.

Em 2012 a *COMPANHIA* iniciou o projeto **MORRO COMO UM PAÍS – A EXCEÇÃO E A REGRA**, apoiado pelo Programa de Fomento ao Teatro para a cidade de São Paulo. No ano seguinte, este trabalho resultou em diversas atividades, incluindo uma temporada de dois meses.

Em 2013 a *COMPANHIA* recebeu dois prêmios nacionais (Myriam Muniz e Marcas da Memória), permitindo a realização de uma temporada do projeto **MORRO COMO UM PAÍS** pelo Ceará, Paraíba, Distrito Federal e Rio de Janeiro.

Nos primeiros meses de 2014, o grupo ganhou dois editais (PROAC do Estado de São Paulo e Fomento ao Teatro para a cidade de São Paulo) e Fernanda Azevedo recebeu o Prêmio Shell de melhor atriz por seu trabalho em **MORRO COMO UM PAÍS**. No segundo semestre a *COMPANHIA* foi selecionada para o *Circuito Cultural Paulista*, circulando por oito cidades do interior do Estado com o trabalho **CARNE**.

No primeiro semestre de 2015 o grupo desenvolveu o projeto **MANUAL DE AUTODEFESA INTELLECTUAL**, que incluiu diversas atividades, estreou no SESC Belenzinho e fez segunda temporada no Galpão do Folias, em São Paulo. Em maio o grupo participou do *Circuito TUSP de Teatro* com a peça **CARNE** e, em junho, esteve em Porto Velho (RO), a convite do Festival Tapiri, apresentando a intervenção **TRÊS METROS QUADRADOS**.



MONTAGENS TEATRAIS

MANUAL DE AUTODEFESA INTELECTUAL, roteiro de Fernando Kinas, 2015.

MORRO COMO UM PAÍS, textos de Dimitris Dimitriadis, Edward Bond, Maurício Rosencof, Alípio Freire e outros, 2013.

CARNE, textos de Michelle Perrot, Elfriede Jelinek e outros, 2007/2013.

TEATRO/MERCADORIA, textos de Guy Debord e outros, 2006/2008.

LINHA, de Israel Horovitz, 2006.

O BOM SELVAGEM, textos de Jean-Jacques Rousseau outros, 2006.

CASULO, de Fernando Kinas, 2006.

TITÂNIO, textos de Elizabeth Bishop, Pier Paolo Pasolini e outros, 2004.

MAUSER/MANIFESTO, textos de Heiner Müller e Karl Marx, 2002.

FRAGMENTO B3, textos de Samuel Beckett e Edward Bond, 2001.

OSMO, de Hilda Hilst, 2000.

TUDO O QUE VOCÊ SABE ESTÁ ERRADO, textos de René Descartes e outros, 2000/2001.

CARTA ABERTA, de Denis Guénoun, 1998/2007.

UM ARTISTA DA FOME, de Franz Kafka, 1998.

R, textos de Albert Einstein e outros, 1997.



LEITURAS DRAMÁTICAS E EXPERIÊNCIAS CÊNICAS

FOME (2015), a partir de Primo Levi, Bartolomé de las Casas e Mahmoud Darwish.

TRÊS METROS QUADRADOS (2013), a partir de Dimitris Dimitriadis.

OS AUTONAUTAS DA COSMOPISTA (2008), de Julio Cortázar.

ATENTADOS À SUA VIDA (2007), de Martin Crimp.

RUANDA (2007), roteiro e direção de Fabio Salvatti.

EU QUERO SER SUPERFICIAL (2005/2007), de Elfriede Jelinek.

UMA NOITE NO TEATRO (2002), de Michel Deutsch.

AUTO DA BARCA DE CAMIRI (2000), de Hilda Hilst.

FRAGMENTO PARA TEATRO II (2000), de Samuel Beckett.

KAFKA RINDO (1997), textos de Franz Kafka.



OBJETIVOS GERAIS DA KIWI COMPANHIA DE TEATRO

- Realizar montagens teatrais que coloquem em cena as reflexões elaboradas durante os períodos de estudo. Para isso é preciso criar espaços de análise e investigação permitindo que, através de processos criativos e de debates públicos, surjam obras artísticas (peças, intervenções de rua, leituras dramáticas).
- Estabelecer ou ampliar parcerias com organizações e movimentos populares e sociais.
- Organizar debates públicos, oficinas, publicações e seminários sobre os temas dos projetos desenvolvidos. Garantir a perenidade da pesquisa, isto é, a formação contínua do grupo e do público.
- Multiplicar as formas de interação com o público: oficinas, projeção de filmes, leituras dramáticas, rodas de conversa, favorecendo a criação de redes de participação e ação.
- Manter o respeito profissional, garantindo boas condições de trabalho e remuneração adequada dos envolvidos, praticando preços baixos ou a gratuidade das atividades.

CURRÍCULOS DA EQUIPE ARTÍSTICA

Fernanda Azevedo – Atriz

Atriz, produtora e arte educadora com passagem pela Faculdade Paris X – Nanterre, França. Integrante da *KIWI COMPANHIA DE TEATRO* / Cooperativa Paulista de Teatro participou como atriz em diversos espetáculos, ministrou oficinas em diversos Estados brasileiros e representou o Brasil em encontros e mesas de debates internacionais (na UCLA, Los Angeles; em Bogotá, Colômbia e no *Fórum Social Muncial* em Caracas, Venezuela). Recebeu o *Prêmio Shell* de melhor atriz (2013/14) pela peça **MORRO COMO UM PAÍS**. Na área de mídiameducação foi apresentadora dos programas educativos da TV MultiRio (Secretaria Municipal de Educação RJ) e atriz no programa “Globo Ciência” (TV Futura). Foi integrante do Conselho Administrativo da Cooperativa Paulista de Teatro (2011/13).

Fernando Kinas – Roteirista e diretor

Doutor em Teatro pela Universidade de São Paulo (USP) e pela Universidade Sorbonne Nouvelle, Paris 3. Trabalha como professor, diretor e pesquisador teatral. Diretor da *KIWI COMPANHIA DE TEATRO* desde 1996. Dirigiu diversos trabalhos teatrais, entre eles **R, UM ARTISTA DA FOME, TUDO QUE VOCÊ SABE ESTÁ ERRADO, CARTA ABERTA, TEATRO/MERCADORIA #1, BOM SELVAGEM, CARNE** e **MORRO COMO UM PAÍS**. Co-dirigiu vários filmes experimentais e o documentário *Cartas da mãe*, sobre o cartunista Henfil (vencedor de vários prêmios). Foi colaborador da Revista Bravo! e tem vários artigos publicados (Revistas Vintém, Sala Preta, Cena e Urdimento, entre outras).

Luiz Nunes – Produtor e assistente de direção

Diretor, produtor e integrante da *KIWI COMPANHIA DE TEATRO* desde 2007. Como diretor realizou diversas montagens dos cursos de teatro do TUCA e das oficinas de teatro de Diadema. Como produtor, foi responsável pela *Mostra SESI de Dramaturgia Contemporânea* (2005), por diversas produções do Centro Cultural Banco do Brasil: os Seminários *Dramaturgias* (São Paulo, 2002/04), *Cronicamente viável* (São Paulo, desde 2006), *Psicanálise e literatura e Arte/inconsciente* (São Paulo e Brasília, 2008/09) e *Jornalismo* (em 2009 no Rio de Janeiro e depois produzido em mais 16 capitais do Brasil), além dos espetáculos *Borghi em revista* e *Arsênico e alfazema*, entre outros.

Júlio Dojcsar – Cenógrafo

Grafitista, cenógrafo e figurinista. Desenvolve seu trabalho com base em intervenções urbanas e seus desdobramentos em outras mídias (teatro, vídeo e instalações). Fundador do Núcleo Bartolomeu de Depoimentos; integrante do coletivo Casadalapa e da Frente 3 de Fevereiro (onde desenvolveu intervenções na *Copa da Cultura* em Berlim, 2006 e integrou o fórum de artes públicas em Johannesburg, 2008); parceiro da CIA São Jorge de Variedades (representando o Brasil na *Quadrienal* de cenografia de Praga e recebendo o *Prêmio Shell* de melhor figurino, 2008), do grupo Pia Fraus e da *KIWI COMPANHIA DE TEATRO*.

Eduardo Contrera – Música original

Percussionista e compositor com mais de vinte anos de experiência em diversos gêneros, notadamente o candomblé e o improvisado. Tocou com vários artistas e grupos: Edson Cordeiro, Osvaldinho do Acordeon, Sá e Guarabira, Rita Ribeiro, Mônica Salmaso, Aziza Mustapha

Zadeh, Barre Phillips, Antonio Fagundes e CIA Estável de Repertório, Ponkan, Klaus Vianna, Parlapatões e Pia Fraus. Integrou, com os percussionistas Paraná e Guello, o Alaiandê, trio que desenvolveu uma linguagem contemporânea a partir dos ritmos afrobrasileiros. Atualmente tem um duo de improvisação com o violoncelista Dimos Goudaroulis.

Maitê Chasseraux – Figurinista

Figurinista e desenhista de moda. Responsável pelos figurinos dos longas metragem: *Bellini e o demônio* (de Marcelo Galvão 2006), *Fim da linha* (de Gustavo Steinberg 2005), *Milagres* (de Felipe Rigueiro 2004), *Jardim Europa* (de Mauro Baptista 2004), entre outros. Concebeu figurinos para os espetáculos teatrais: *A festa de Abgail* (de Mauro Baptista 2007), *Caminho real* (de Nelson Baskerville 2007), *Linha* (de Fernando Kinas 2006), *Brutal* (de Jairo Matos), *A hora em que não sabíamos nada uns dos outros* (Seleção Oficial Festival Internacional de Teatro de Cuba), entre outros. Atualmente trabalha como figurinista e aderecista na TV BAND SP.



CONTATOS

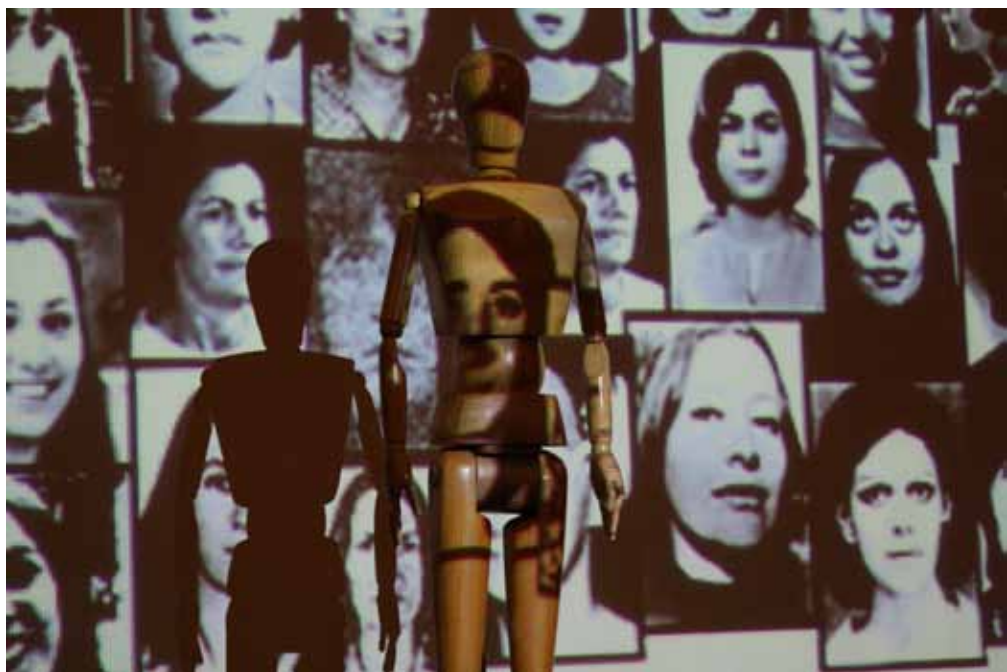
KIWI COMPANHIA DE TEATRO

www.kiwiciadeteatro.com.br / kiwiciadeteatro@gmail.com

Rua Frederico Abranches, 189, Santa Cecília – São Paulo / SP.

(11) 3337-4112 (sede) / (11) 97178-7843 / 97618-1690 / 98706-7471

Trechos da peça: http://youtu.be/Ar3_7vKZUDI



TEATRO Exposição em São Paulo abriga projeto paralelo que reúne, entre outros, Antônio Abujamra e Maria Alice Vergueiro
Peças e poemas de Hilda Hilst têm leitura dramática

VILHIBARTOS
 PORTO ALEGRE

A exposição "Hilda Hilst - 70 Anos", que abre em dezembro no Sesi Pompéia, em São Paulo, revela o perfil de uma artista paranaense com múltiplas performances em vários formatos de peças, textos e poemas da autora.

O diretor Antônio Abujamra está a frente com "Cantos Antropológicos". Ele divide esta noite com a escritora Bia Assis-Ribeiro que faz o texto de "Da Morte, Ode Mística".

A sua programação terá também a peça "O Rato do Mato", de 1973, performance do grupo de teatro dirigido por Maria Thais. O teatro sempre jogou luz sobre a prosa e a poesia de Hilda, como afirma o editor da revista, Fabiano Werneck, que já lançou dois livros com peças da escritora.

No projeto do Sesi, há programação em três idiomas: português, espanhol e francês. "O Volante", 1991, dirigida por Maria Abujamra, trata da busca do "Cântico", por Fernando Kinosh e "Aves de Noite", por Maria Assis-Ribeiro.

"Trata-se de uma abordagem poética sobre um campo de concentração, onde um padre se dispõe a morrer no lugar de outros presos", afirma Assis-Ribeiro. Hilda chegou a acompanhar esta leitura em seu país no Unesco, em dezembro, e viajou emocionada.

A autora sempre morando em um sítio da região de Curitiba, redonda por décadas.

Assis-Ribeiro também dará transcrição dramática ao poema "Agê", sobre a história de casa modesta e seu entrelaçamento com os dias mais de sua infância.

Maria Thais, do grupo bilíngue, apresenta ainda "Alcôncas", texto lido com versos de Hilda. Há também trama na programação com "Poemas no Fianço do Nosso Tempo", de Maria Assis-Ribeiro, e também com "Amor e Ideia Proprietária", com interpretação de Elan Assis-Ribeiro, do conjunto "Oscar Wilde".

Kinosh assina outra leitura: "Um amor", em francês, com interpretação por Lori Santos. Outro destaque é a presença da atriz Maria Alice Vergueiro, que faz duas cenas do grupo Osmo, com o poema de "Indiferença".



A escritora Hilda Hilst, 70, que é homenageada em projeto paralelo de exposição no Sesi Pompéia

PROGRAMAÇÃO

- 19h
 "Da Morte, Ode Mística" e "Cantos Antropológicos"
- 20h30
 "O Volante"
- 21h15
 "Amor no Fianço do Nosso Tempo", "Agê" e "Indiferença"
- 21h30
 "Indiferença" e "Oscar"
- 21h45
 "A Ode da Morte de César"
- 22h15
 "Aves de Noite"
- 22h30
 "Indiferença Proprietária"

Exposição Hilda Hilst - 70 Anos
 Quando: em outubro de 2006
 Local: Sesi Pompéia, Av. Paulista, 1.500, 13º andar, São Paulo, SP
 Ingressos: R\$ 10,00 (inteira), R\$ 5,00 (meia), R\$ 2,00 (crianças)
 Quando estreia: 10/11/2006

recorte de jornal Osmo

Teatro Estréia:

Linha aborda disputa insana pelo primeiro lugar

Uma fila é palco de bizarra competição nessa peça de Israel Horowitz, sucesso no off-off-Broadway

Beth Népoli

No palco, apenas uma linha branca demarcada no tablado de um ator. É montado. Ele espera. Faz um lance, espera. É a primeira de uma futura fila. Pela manhã, chega o segundo. Começa assim o espetáculo *Linha*, texto de Israel Horowitz que se tornou fenômeno de longevidade nos palcos - desde 1974 está em cartaz no off-off-Broadway. A montagem brasileira estreia hoje, no N.Ex.T., sob direção de Fernando Kinosh

e cinco atores da Cia. Kiwi.

Desde o momento em que o segundo personagem chega, começa uma disputa pelo primeiro lugar. Ao fim, cinco deles entrarão nesse mesmo combate. Fila de emprego? Jogo de futebol? A peça não esclarece. Importa a competição. Segundo Kinosh, que fez algumas interferências no original, a peça parte de uma ideia simples, mas o desenvolvimento é um tanto superficial. "O jogo é ambíguo, mas as construções psicológicas - a gente usa que usa as armas da ne-

gação ou o gordinho mais bobo - fragilizam o texto", diz.

"O que me parece importante é discutir a insanidade desse vale-tudo para ser o primeiro, algo que em nossa época é ainda mais atual do que na década de 60, quando a peça foi escrita." Para ampliar significados, entre outras coisas, Kinosh abriu espaço para os atores assumirem a competição entre atores, intrínseca aos elementos. "É uma aposta. A cada noite eles podem improvisar a partir da ideia de 'volar a cena'. Há



COMBATE - Vale tudo para vencer

sempre o risco da sujeira, mas trabalhamos bastante para que isso se dê no jogo teatral".

Duques os nomes dos personagens foram escolhidos nos dois atos. Fleming, interpretado por Paulo Alves, o tal que chegou na véspera para garantir o primeiro lugar passa a ser Fleming Paulo. Moby, a sedutora, ganha também o nome da atriz, Chris Gomes. César Guirao, Lori Santos e Sérgio Pandá completam o elenco.

Por mais inócuo que se diga, o texto tem por si só um

poter de comunicação muito grande, com os atores acenando com as ideias simples e boas. Um espetáculo para estar em primeiro lugar e só um espetáculo, que chega mais tarde, descurado, tomar sua posição - quem não reconhece tal situação no País onde o "rei de Geos" impregna o cotidiano? Claro que tal disputa, no palco, se simplifica e o público passa a se perguntar por que afinal é preciso ser o primeiro. Mas que isso, será que é preciso mesmo entrar na fila? Não perguntar que a companhia gostaria de ver ressoarem na plateia. ■

Horóscopo

■ **Linha**, 80 min. 14 anos. Teatro do N.Ex.T. (70 lug.), Rua Rego Freitas, 454, Vila Buarque, 3106-9636, metrô República. 4.º e 5.º, 21 h. R\$ 20. Até 30/11

recorte de jornal Linha

CESP 01/11/2006

E6 ilustrada QUARTA-FEIRA, 1º DE NOVEMBRO DE 2006

FOLHA DE S.PAULO

"Linha" questiona a competitividade

Peça do americano Israel Horowitz, dirigida por Fernando Kinosh, expõe cenas de nonsense numa fila

DA REPORTAGEM LOCAL

"É aqui a fila?"

A primeira fala da peça "Linha" pode induzir o espectador de São Paulo à identificação. Afinal, estamos na cidade em que, como se diz, para tudo há que entrar numa fila. Tratando-se de um espetáculo dirigido por Fernando Kinosh, porém, a identificação pode até ser sustentada, mas o será por meio de estranhamentos, de "incômodos", como prefere o diretor.

"Linha", que estreia hoje no N.Ex.T., em São Paulo, foi escrita há quase 40 anos pelo judeu norte-americano Israel Horowitz (1939), pai de um dos integrantes da banda Beatle Boys. Está em cartaz desde 1974 no circuito off-off da Broadway.

Kinosh assistiu a uma montagem em 1997, em Lisboa.

Desde então, o diretor costuma a criação de um espetáculo com o seu núcleo de pesquisa, a Kiwi Companhia de Teatro, surgida em Curitiba há dez anos e radicada em SP.

Quatro homens e uma mulher disputam entre si para ver quem vai ser o primeiro da fila. Não fica claro a que se destinam. A chegada de cada um, do sujeito que madruga ao que traz seu banquinho, surgem situações de nonsense.

Kinosh, 40, fala da proximidade de Horowitz nos anos 1960 com autores como Beckett e Ionesco. Chama sua atenção a circularidade das cenas, as possibilidades de desconstrução dos personagens e de uso da meta-

linguagem, o teatro dentro do teatro.

Por exemplo: os nomes dos personagens carregam os prenomes dos respectivos intérpretes. Assim, Stephen César é representado pelo ator César Guirao. Completam o elenco Chris Gomes, Lori Santos, Paulo Alves e Sérgio Pandá.

Provocação

Com margem para o improviso, eles exploram os limites espaciais impostos por uma linha branca no chão, acotovelamentos que chegam às raias das violências físicas e verbal, da dissimulação.

"Não não estamos montando [convencionalmente] a peça de Horowitz, mas partindo de uma provocação, de uma ideia conti-

da no texto a da competição a qualquer custo", diz Kinosh.

Co-traduzido por ele e pelo assistente Fábio Salvetti, o texto vindo à luz nos EUA de 1967 sua premonição ao pisar terrenos espinhosos das sociedades globalizadas, como enumera o diretor: "A publicidade, o mercado, o cinismo, a mediocridade classe média, a ambição de ser o melhor e de se dar bem, a falta de solidariedade e de companheirismo, o isolamento induzido pelo individualismo", avalia Kinosh.

■ **LINHAS**

Quando estreia: hoje, às 21h, que a vez, às 22h, até 30/11
 Onde: N.Ex.T., R. Rego Freitas, 454, SP, tel. 3106/9636
 Quando estreia: 10/11/2006



O elenco da peça "Linha", que estreia nesta noite no N.Ex.T.

recorte de jornal Linha

O banquete da fome

Fernando Kinas faz de Kafka o melhor prato do dia

José Carlos Fernandes

A contar pela estreia de *Um Artista da Fome*, na meia-noite de quinta-feira, o Fringe vai mesmo mudar a cara do Festival de Teatro de Curitiba. O espetáculo dirigido pelo paranaense Fernando Kinas não decepcionou um avo a platéia mínima (possível) de cerca de 40 pessoas apinhadas no fosso do Teatro Guaíra. Espaço alternativo de cabo a rabo — uma espécie de subterrâneo da mais monumental sala da cidade — o local ganhou ainda mais significado logo que os primeiros estampidos sonoros prepararam a entrada do dueto de atores — Marisia Bruning e Clóvis Inoce. Foi ganho de causa instantâneo.

O texto de Franz Kafka, escrito em 1922, ganhou tradução do próprio Kinas, que num trabalho primoroso se revelou atento à musicalidade e à dicção do autor tcheco. Bruning e Inoce, de posse deste legado, transitaram pelo cenário de gradis, colunas e vigas de concreto com uma naturalidade notável, flagrante, trunfo que concorreu para avizinhar Kafka da platéia nos 60 minutos em que dura *Um Artista da Fome*. A fala precisa dos 'solistas' — pontuada por sugestivos toques de graça — em nenhum momento incorreu no fastio. Pelo contrário: o lado escondido do Guaíra serviu de palco para uma escola de

interpretação, capaz de seqüestrar pela palavra e de tirar proveito da linguagem contida e refinada do teatro de câmara.

A propriedade com que o texto de *Um Artista da Fome* chegou aos ouvidos do público não é coisa pouca — a contar pela estranheza do tema central — a ascensão e queda de um jejuador, e as diversas interpretações que esta situação pode sugerir. A claustrofobia e a perplexidade, sensações onipresentes à literatura de Kafka, tendem a instaurar um desconforto incômodo, próximo da ausência de ar ou da impossibilidade de sentir os pés no chão. Estes descaminhos a montagem conseguiu minorar sem contudo aniquilar-lhes a importância. No lugar da agonia frente as situações ditatoriais e injustificadas do cotidiano instalou-se um tom de familiaridade e leveza. Em boa hora.

São recursos mais do que oportunos. Embrenhar-se pelas 'tramas' deste espetáculo não redundaria em uma maratona intelectual frustrada ou abortada. Acima de qualquer arte a que esteja se referindo a peça — seja a da literatura ou a do próprio teatro — tudo se dá sob o signo do jejum, uma prática cada vez mais encarcerada no circuito religioso (ou nos spas de emagrecimento). Em *O Artista da Fome* ela se dá a conhecer, transformando a fome em 'lugar' da inquietação, da vida no limite e da consciência do corpo — porões escuros, mas nem por



Clóvis Inoce: dicção perfeita para captar a sonoridade do texto de Kafka.

isso menos desejáveis —. Nefes se ocultam o insaciável e inconformado apetite da criação. Este fosso é preciso visitar.

Reapresentações nos dias 23 e 26, à meia-noite.

recorte de jornal *Um Artista da Fome*



capa programa *Um Artista da Fome*

TRÊS METROS
QUADRADOS

Pela autonomia de pensamento

EM CARTAZ Peça da Kiwi Companhia de Teatro faz inventário crítico das mistificações contemporâneas

Eduardo Campos Lima
de São Paulo (SP)

EM MANUAL de Autodefesa Intelectual, a Kiwi Companhia de Teatro apresenta um conjunto panorâmico de 35 quadros sobre todo tipo de mistificações que influenciam o pensamento contemporâneo — e que prendem os indivíduos a tolerância e irracionalidade seja em suas vidas pessoais, seja na macropolítica.

Em forma de apresentação didática, por vezes desdobrada em diálogo franco com o público, a peça lança mão de diversos textos poéticos e teóricos para refletir sobre a desmistificação em diferentes níveis da experiência contemporânea. Embasam o debate escritos de René Descartes, Karl Marx e Carl Sagan, além do conto Ideias do Cabelo, de Machado de Assis e materiais de fontes diversas (bilhetes de videntes, análises psicológicas, números de mágoa, depoimentos pessoais, composições musicais originais, coreografias, entre outros).

Um conjunto de episódios faz um inventário, por exemplo, das ramificações culturalmente diluídas no Brasil, como o hábito de lutar três vezes na modelagem ou de colher trevas de quatro filhas para obter sorte. Outro quadro aborda o mercado de consultorias espirituais e astrológicas existentes em São Paulo. A leitura de alguns dos panfletos distribuídos na cidade procura evidenciar o caráter insulino de boa parte das promessas publicitárias.

“Não nos interessa o ateísmo pelo ateísmo, mas a autonomia. Como a esquerda luta pela autonomia dos trabalhadores, como luta pela autonomia das mulheres, precisamos lutar também pela autonomia crítica de pensamento”

Essa camada mais imediata de mistificações é continuamente sustentada por um nível mais amplo, que envolve as grandes religiões, a publicidade e a política. “Um dos princípios do projeto era justamente fazer o trânsito entre aspectos cotidianos e situações macro-sociais com grande alcance sobre a vida das pessoas”, explica o diretor Fernando Kinas. Elementos da ideologia corrente, por exemplo, facilitam essa passagem de um nível a outro. “É comum ouvir que sempre vão existir ricos e pobres. Ou seja, este tipo de formulação, muito cotidiana e familiar, tem uma significação ideológica clara e um alcance

Teatro documentário

de São Paulo (SP)

A peça fundamenta-se em grande parte em documentos reais, como anúncios publicitários, depoimentos, análises teóricas e vídeo — sem utilizar textos teatrais para tratar dos assuntos fundamentais de cada episódio.

“É um caminho que nossa companhia tem trilhado e que se relaciona com a tradição do Teatro Documentário. Na peça, não existe construção dramática convencional: podemos usar um texto de Marx ou uma análise sobre estatística, um poema ou, eventualmente, o trecho de uma peça de teatro. Articulamos esses materiais tão plurais juxtapondo dialeticamente os quadros ou episódios”, explica Kinas. Cada um dos quadros concentra a discussão de determinado assunto, mas a articulação entre eles produz novos conteúdos. O Teatro Documentário em que a Kiwi fundamente seu trabalho foi sistematizado sobretudo na década de 1960, pelo teatrólogo alemão Peter Weiss. Não se trata unicamente de organizar conteúdos autênticos e provenientes da realidade concreta, mas sobretudo de utilizá-los de forma a construir em cena uma totalidade crítica e diretamente relacionada à vida social.

O projeto Manual de Autodefesa Intelectual inclui uma oficina sobre Teatro Documentário, que será ministrada pelo diretor Fernando Kinas nos dias 5 e 6 de maio. (ECL)



Em apresentação didática a peça reflete a desmistificação da experiência contemporânea

político considerável, como é o caso, aliás, da maioria dos provérbios e ditos populares”, analisa.

No plano da grande política, um dos quadros, por exemplo, aborda a entrada das EUA no conflito entre Irã e Kuwait, em 1990. Os atores exibem um vídeo — real — em que uma jovem iraquiana desce, no Congresso dos EUA, sobre a invasão iraquiana a seu país. Identificada apenas como Nayirah, a moça descrevia aos presentes que soldados do Irã que tomaram um hospital em sua cidade e tiraram os bebês das incubadoras, deixando-os morrer.

Após assistirmos ao tocante depoimento — que foi fundamental para que os estadunidenses aprovassem a entrada do país na guerra — descobrimos que era tudo falso: a moça na verdade era filha do embaixador de Kuwait nos EUA e jamais presenciou os fatos narrados. A operação em que ela foi utilizada havia sido inteliramente planejada por uma agência de relações públicas.

Um debate da esquerda

O projeto nasceu quando a Kiwi estava envolvida em seu trabalho anterior, Mo-

ri Como um País, em que abordava a violência institucional, sobretudo nos ditames dos século 20. “Concluímos que era necessário falar sobre o sistema de crenças da sociedade, aquilo que tornava possível que regimes autoritários conseguissem seletos das pessoas — ainda que funcionassem contra elas mesmas”, recorda Kinas.

O grupo entrou em contato com a obra do autor canadense Norman Baillargeon, professor da Universidade de Montreal e militante social que se dedica à desmistificação das crenças e ideologias contemporâneas. Seu livro Pequeno Curso de Autodefesa Intelectual inspira o nome do projeto da Kiwi. Outros textos de mesmo teor, produzidos nos EUA e em Portugal, confirmaram os rumos do trabalho.

O documento ideológico amplo é um dos fundamentos do marxismo e baseia também a perspectiva de trabalho teatral de Bertolt Brecht, diretor alemão cujas formulações sobre o teatro épico inspiram a Companhia. Mas o debate direto da religião, conforme aponta Kinas, não tem sido feito de forma sistemática pela esquerda brasileira — e o

grupo acha que chegou ao momento de reavaliá-lo em questão.

“Desde o começo do marxismo, já se discute a pertinência de fazer o debate religioso, já que há contradições em diferentes trajetórias e sensibilidades que vão se projetando na luta. No Brasil, muitas vezes o tema foi deixado de lado, em modo de provocar divisões na classe operária”, define Kinas.

“Mas me parece importante que a esquerda critique pontos como elementos, sem certas palavras, qualificando sua compreensão da realidade social e suas lutas. Não parece adequado postergar esta discussão, aguardando uma eventual melhora no nível de consciência dos trabalhadores.”

A peça da Kiwi inclui essas diretrizes baseadas e não utiliza subterfúgos para evitar todas as religiões estabelecidas como formas de mistificação. “Não nos interessa o ateísmo pelo ateísmo, mas a autonomia. Como a esquerda luta pela autonomia dos trabalhadores, como luta pela autonomia das mulheres, precisamos lutar também pela autonomia crítica de pensamento”, conclui Kinas.



A peça inclui cenas documentais baseadas para formas de mistificação

Serviço

Até 10 maio

Quinta a sábado às 21h30 e domingo e 1ª de maio às 18h30
Ingresso: R\$ 25,00 (inteiro); R\$ 12,50 (meia-entrada); R\$ 7,50 (trabalhador do comércio de bens, serviços e turismo credenciado no local e dependentes)

Sect Belenêrão

Endereço: Rua Padre Adolfo, 1000
Belenêrão — São Paulo/SP
Telefone: (11) 2070-9700

Obs: Esta agendado para nova temporada para julho deste ano, no Galpão do Follis, região central de São Paulo, ao lado do metrô Santa Cecília. Nessa temporada haverá ingressos gratuitos para movimentos sociais, organizações populares e estudantes do ensino público.

Assine o Brasil de Fato e ganhe um livro da editora Expressão Popular! *

Veja as opções abaixo e faça sua escolha:

Anual (52 edições) R\$ 150,00.

Bianual (104 edições) R\$ 260,00.

Você pode pagar em até

3 vezes no cartão ou à vista no boleto.

Aproveite! Faça sua assinatura.

Assim você contribui para manter uma imprensa alternativa e popular.

Ligue para (11) 2131-0800
ou visite o nosso site:
www.brasildefato.com.br



MANUAL DE AUTODEFESA INTELLECTUAL

9 DE ABRIL A 10 DE MAIO DE 2015

quinta a sábado, às 21h30
domingo e 1ª de maio, às 18h30

KIWI COMPANHIA DE TEATRO

ROTEIRO E DIREÇÃO GERAL:

Fernando Kinas

ELENCO:

Fernanda Azevedo

Maíra Chasseraux

Maria Carolina Dressler

Vicente Latorre

Eduardo Contrera (músico)

Elaine Giacomelli (musicista)



14 Não recomendado para menores de 14 anos

Ingressos à venda pelo Portal Sesc SP (www.sescsp.org.br), a partir de 31/03/2015, às 15h30, e nas unidades, a partir de 01/04/2015, às 17h30.

Sesc
Belenzinho

Rua Padre Adelino, 1.000

CEP 03303-000 | Belém TEL.: (11) 2076 9700

email@belenzinho.sescsp.org.br

sescsp.org.br/belenzinho

[Facebook](#) / [Instagram](#) / [Twitter](#) / [SescBelenzinho](#)

PRODUCER



www.fundacaofredino.com.br
fredino@fundacaofredino.com.br

COOPERATIVA
PAULISTA
DE TEATRO

ARTIGO

FOMENTO
TEATRO

ESTE PROJETO FOI COFINANCIADO PELO PROGRAMA MUNICIPAL
DE FOMENTO AO TEATRO PARA A CIDADE DE SÃO PAULO.

PREFEITURA DE
SÃO PAULO

REALIZADO

Sesc

TRÊS METROS
QUADRADOS

Atriz faz protesto contra multinacional petrolífera ao receber prêmio Shell

GUSTAVO FIORATTI
DE SÃO PAULO

19/03/2014 01h11

Após receber o prêmio Shell por sua atuação em "Morro como um País - Cenas sobre a Violência de Estado", nesta terça-feira (17), a atriz Fernanda Azevedo fez um breve protesto contra a multinacional petrolífera que apoia a premiação.

Com o troféu em mãos, ela leu trecho de um texto do escritor uruguaio Eduardo Galeano, autor do livro "As Veias Abertas da América Latina". "No início de 1995", disse Fernanda, em referência ao texto, "o gerente geral da Shell na Nigéria explicou assim o apoio de sua empresa à ditadura militar nesse país: para uma empresa comercial, que se propõe a realizar investimentos, é necessário um ambiente de estabilidade. As ditaduras oferecem isso."

Raquel Cunha/Folhapress



Ganhadora do prêmio Shell, Fernanda Azevedo, por 'Morro Como um País - Cenas Sobre a Violência de Estado'

A decisão de fazer o discurso foi tomada pela Kiwi Companhia, da qual Fernanda faz parte. O grupo encenou "Morro Como um País" a partir de um estudo sobre contradições

TEATRO ■ Cella de presos políticos é cenário de intervenção artística hoje (9) e amanhã (10) na UnB e no CEF 213



Três Metros Quadrados

Um espaço de três metros quadrados é cenário da peça 'Três Metros Quadrados', encenada por Fernanda Azevedo, num espaço que representa as celas de presos políticos durante as ditaduras do Brasil, Argentina, Chile e Uruguai nos anos 1970. O trabalho soma informações didáticas e criação poética, arte e reflexão social à estética e política, em um projeto de nação no qual palavras como justiça e igualdade fazem parte do cotidiano.

A intervenção teatral, que acontece nos dias 9 e 10 de junho, foi preparada durante de três anos de pesquisas, que incluíram viagens de estudo, análise crítica de material iconográfico e musical, participação em debates, seminários e acompanhamento de coletivos que lutam por memória, verdade e justiça.

O trabalho da Comissão Nacional da Verdade, que será encerrada este ano, e as discussões inspiradas por movimentos de Memória, Verdade e Justiça, forjaram um falso consenso sobre equívocos decisivos da história recente do Brasil, segundo a peça. "Neste sentido, julgamos ser necessário relembrear, divulgar e debater o significado das lutas contra o regime militar ditatorial nos anos 60/70 para refletir sobre o Brasil atual e seus desafios", explica o diretor Fernando Kinas.

A Kivi Companhia de Teatro, associada à Cooperativa Paulista de Teatro, é responsável pelo projeto, que tem como público-alvo jovens entre 14 e 25 anos para apresentar o lado que eles, muitas vezes, desconhecem. "As novas gerações, a quem nosso trabalho dedica especial atenção, nada ou pouco conhecem dos fatos", diz Fernando.

Serviço: O espetáculo está em cartaz no CC 04 - Campus Universitário de UnB, no dia 9 às 17h, e no CEF 213 em Santa Maria, no dia 10 às 20h. Entrada franca. Classificação indicativa: 16 anos.

FERNANDA Azevedo encena reflexão política e social por regimes militares

Rio e São Paulo recebem peças e projetos sobre a ditadura brasileira

· Golpe militar de 1964 completa 50 anos nesta segunda-feira

· Montagens, filmes, leituras e intervenções vão abordar o assunto



O GLOBO @GLOBO1

Publicado: 21/03/14 - 15h47 Atualizado: 21/03/14 - 15h58



Fernanda Azevedo em 'Morro como um pão', que chega ao Rio em abril. Vencedora do Prêmio Shell em São Paulo na categoria melhor atriz, a peça aborda a ditadura brasileira. Divulgação

RIO — A partir desta segunda-feira, data em que o golpe militar de 1964 completa 50 anos, Rio e São Paulo serão palcos de peças, exibição de filmes, shows, leituras e intervenções que vão lembrar a ditadura. Veja alguns destaques da programação.

Vigília Pela Liberdade. O projeto, que acontece nesta segunda e terça-feira em São Paulo, levará à Praça Roosevelt uma série de atividades multidisciplinares, entre peças, shows, leituras, exibição de filmes e intervenções urbanas. Idealizado por Asdrúbal Serrano e pela Cia. Os Satyros, o evento é gratuito e pretende relembrar aspectos cruciais da ditadura militar sob o ponto de vista das artes e da cultura, através de uma releitura feita por artistas contemporâneos das manifestações culturais em evidência na época do Golpe.

Docudrama. Nesta terça-feira, o diretor Fabiano de Freitas leva ao ar da Rádio MEC, às 10h, o documentário radiofônico "Eles não nos calaram". Inserido na linguagem do radioteatro, a obra mescla depoimentos reais dos stores Gracindo Jr e Gerdal dos Santos.

Montagens teatrais. A partir desta terça-feira, o Centro Cultural São Paulo recebe o projeto "O imaginário dos 50 anos do Golpe", idealizado



Vencedora do Prêmio Shell encena espetáculo na Piollin

JÂMARRÍ NOGUEIRA

DIVULGAÇÃO

Sozinha em cena, Fernanda Azevedo consegue ser muitos. A atriz, Prêmio Shell em 2013, é a estrela de *Morro como um País*, peça que será encenada hoje e amanhã, às 20h, e domingo às 19h, no Centro Cultural Piollin (ao lado da Bica), em João Pessoa. Entrada gratuita.

O espetáculo da companhia paulistana Kiwi, dirigido por Fernando Kinas, fomenta um pensamento crítico a respeito do período da ditadura militar iniciada após o golpe de 1964.

Entre um solo de bateria, manequim de loja de roupas e número de mágica, Fernanda Azevedo transmuta-se e mistura-se a linguagens pouco convencionais para, quase que didaticamente, remontar o passado



Fernanda 'contracena' com boneco que representa Geisel

em busca de uma melhor compreensão a respeito de nosso presente.

"O público precisa se emocionar, mas também precisa ter uma visão crítica", disse Fernanda, deixando clara a influência do teatro de Bertold Brecht em *Morro como um País*.

Teatro político contra os diversos tipos de violência e, claro, contra a tortura, *Morro como um País* é

um espetáculo que precisa ser visto! Hoje, após a peça, haverá um debate. Amanhã, *1964 - Um Golpe contra o Brasil*, de Alípio Freire, será exibido às 16h. A mesma programação, no Nordeste, já passou por Fortaleza e Crato (CE).

MORRO COMO UM PAÍS. Hoje e amanhã, às 20h, e domingo, às 19h. No Teatro Piollin (R. Sizenando Costa, Roger, João Pessoa). Entrada franca.

MORRO COMO UM PAÍS

50 ANOS DO GOLPE

Peca teatral
MORRO COMO UM PAÍS

06, 07 E 08 DE JUNHO DE 2014
sexta e sábado 21h, domingo 20h

CENTRO CULTURAL BANCO DO BRASIL
Teatro 1, SCES Trecho 2, Brasília DF

Ônibus gratuito. Verifique horários e locais de saída.
Info 61 3108 7600 • bb.com.br/cultura

[/ccbb_df](https://twitter.com/ccbb_df) • [f/ccbb.brasilia](https://www.facebook.com/ccbb.brasilia) • [YouTube /bancodobrasil](https://www.youtube.com/bancodobrasil)
SAC 0800 729 0722 • Ouvidoria BB 0800 729 5678 •
Deficiente Auditivo ou de Fala 0800 729 0088
Informações da companhia: 11 97619 1690
ou kiwiciadeteatro@gmail.com

INDICADO PARA MAIORES DE 14 ANOS
INGRESSOS GRATUITOS

Intervenção cênica
TRES METROS QUADRADOS

09 DE JUNHO DE 2014
segunda, 12h

ICC Anfiteatro 09
Universidade de Brasília (UNB).
Campus Universitário Darcy Ribeiro, Brasília DF

10 DE JUNHO DE 2014
terça, 20h

Centro de Ensino Fundamental (CEF 213). CL 213,
Lote 01, Conjunto A, Santa Maria DF

Exibição do filme
1964 - UM GOLPE CONTRA O BRASIL,
de Alípio Freire + debate com o diretor
09 DE JUNHO DE 2014
segunda, 18h

ICC Anfiteatro 09 Universidade de Brasília, Campus
Universitário Darcy Ribeiro, Brasília DF

**PRÊMIO
SHELL**
MELHOR
ATRIZ
2013

REALIZAÇÃO:



www.kiwiciadeteatro.com.br



www.kiwiciadeteatro.com.br



MEMÓRIAS DA ANTESA

Projeto
Memórias da Memória

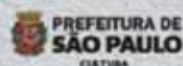
Comissão de
Análise

Ministério da
Justiça



PAÍS BRILHANTE PAÍS SEM FURTO

APOIO:



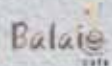
PREFEITURA DE
SÃO PAULO
CULTURA



FOMENTO
TEATRO



MONTREAL
Turismo



Balaie
2014



Centro Cultural



CENTRO CULTURAL



25
ANOS

TRÊS METROS
QUADRADOS

**XII CIRCUITO
TUSP DE TEATRO**
PIRACICABA | SÃO CARLOS
BAURILI | RIBEIRÃO PRETO

**PIRACICABA
13 A 17 DE MAIO**

APRESENTAÇÕES GRATUITAS

SP001 SESC EST031


SESC TUP

13.05 | 20h
SESC PIRACICABA
CARNE KIWI CIA. DE TEATRO

14.05 | 20h
SESC PIRACICABA
{ENTRE} COLETIVO NEGRO

15.05 | 20h
SESC PIRACICABA
MONGA IN BOCA AL LUGO

16.05 | 20h
SESC PIRACICABA
**FRIDA KAHLO:
CALOR E FRIO** ESTELAR DE TEATRO

 destaque nas fronteiras

sábado 13.09 e domingo 14.09

Espectáculo. Carne – Patriarcado e Capitalismo.
 Grupo. Kiwi Companhia de Teatro (São Paulo).
 Local. Espaço Cultural Barroquinha
 Horário. 19:00 h
 Duração. 90 minutos.
 Faixa etária. 14 anos
 Foto. Bob Sousa



Sinopse. "Carne – Patriarcado e capitalismo", discute as relações entre patriarcado e capitalismo, mostrando o panorama da opressão de gênero e a situação específica da violência contra as mulheres no Brasil. No trabalho cênico são utilizadas canções populares, imagens publicitárias, estatísticas sobre a violência contra as mulheres, trechos de romance, entre outros materiais. Em cena estão duas atrizes e um músico que executa parte da trilha ao vivo.

Kiwi Companhia de Teatro. A Companhia surgiu em 1996 e é responsável por montagens teatrais e leituras dramáticas, além de experiências cênicas e intervenções urbanas; também organizou cursos, oficinas, eventos multiartísticos e debates. Recentemente produziu um documentário de longa-metragem a partir do projeto Carne – Patriarcado e capitalismo e o caderno de estudos Contrapelo. O grupo procura elaborar um pensamento crítico sobre o teatro, contribuir para a compreensão de temas contemporâneos e intervir artística e politicamente na vida social do país, em geral associado a movimentos sociais e populares. Os trabalhos da Companhia têm sido apresentados em diversas cidades do país, além de participar de festivais e encontros de teatro e performance no Brasil e no exterior. Fernando Kinas é diretor e pesquisador teatral. Fundou em 1996 e dirige desde então a Kiwi Companhia de Teatro. É doutor em Teatro pela Sorbonne Nouvelle e USP.

Ficha Técnica. Roteiro: Fernanda Azevedo e Fernando Kinas / Direção Geral, Espaço e iluminação: Fernando Kinas / Elenco: Maria Dressler e Fernanda Azevedo / Direção e Execução Musical: Eduardo Contrera / Assistência de Direção e Produção: Luiz Nunes / Assistente de produção: Daniela Embón / Pesquisa de Imagem e Projeção: Fernando Kinas (colaboração Gavin Adams) / Figurino: Fernanda Azevedo / Programação Visual: Paulo Emílio Buarque Ferreira

Espaço Cultural Barroquinha. Praça Castro Alves, s/n – Centro. Salvador
 Telefone: (71) 3322-2646

Teatro Estréia:

O que acontece se a arte vira produto, mera mercadoria?

Esse é o tema da criação cênica da Cia. Kiwi, que tem música ao vivo, mescla de gêneros e une peças e textos teóricos

Both Néspoll

Em dezembro, grupos teatrais de diferentes Estados reuniram-se em Porto Alegre para discutir sua arte. Entre os temas em pauta a dificuldade de compreender o teatro como bem simbólico e direito coletivo numa sociedade em que o conceito de cidadão vem sendo substituído pelo de consumidor. A preocupação com a transformação da arte em mera mercadoria foi tema central da discussão e também perpassa a entrevista do diretor Antunes Filho, publicada nessa edição.

Assim, não é fruto do acaso que *Teatro Mercadoria # 1* (sua situação 1) seja o título da nova criação cênica da Cia. Kiwi, dirigida por Fernando Kinas, que inicia temporada no Teatro Fábrica. O objetivo do diretor e seu grupo — os atores Fábio Salvatelli, Fernanda Azevedo, Lorí Santos, Márcia Bechara, Valéria di Pietro; os músicos Eduardo Contrera e Elaine Giacomelli e o artista visual Gavin Adams, responsável pela edição de imagens — é provocar uma reflexão sobre a mercantilização da arte e da vida. É, claro, as implicações disso nas relações sociais e humanas. “Que sociedade temos? Que sociedade queremos?” foram perguntas ouvidas em Porto Alegre.

O trabalho apresentado pela Cia. Kiwi no palco do Fábrica é o primeiro desdobramento de um projeto mais amplo, apoiado pelo Programa de Fomento ao Teatro para a Cidade de São Paulo, que inclui oficinas e um debate (veja ao lado). A meta é criar ainda dois outros espetáculos. O título e a relação dos autores cujos textos serão apropriados para as cenas — Walter Benjamin, Guy Debord, Adorno, Brecht, Karl Marx, Mario Benedetti, Rosa Luxemburgo e Böhmer — fazem temer por um teatro nos moldes do CPC da UNE em sua fase mais panfletária, no sentido do discurso político direto.

“Sem desazer desse teatro que teve importância em sua época, se com isso você quer dizer dogmático, não é o caso. Assumimos que o tema é complexo, mas temos, sim, o interesse em questões que comumente não são tratadas cenicamente”, diz Kinas. “Só para não falar no abstrato, posso dizer que tem muita música ao vivo em cena, são interpretados trechos das peças *Woyzeck*, de Böhmer, e *Os Sete Pecados Capitais*, de Brecht, há textos teóricos e imagens projetadas que se articulam para criar uma teia de significações. Não há dedo em riste.”



ATRÁS DA CORTINA - Atores e público se acomodam juntos no palco

MANUTENÇÃO

» **Oficinas**
Atelier de Pólya-Combinação
É a construção de objetos set-
tísticos a partir de material cul-
tural preexistente
Com Fábio Salvatelli
De 11 a 15, das 14 às 18 h
Teatro Fábrica

Teatro, Espetáculo e Mercadoria
Os modos de produção teatral
nas sociedades regidas pelo
modelo especulativo (segundo
a definição de Guy Debord) e
pela forma-mercadoria.
Com Fernando Kinas
19 e 22/2, das 14 às 18 h

Todos os Sons
O objetivo das oficinas é o de es-

timular o conhecimento da ex-
pressão vocal como ferramen-
ta cênica, trabalhando princi-
palmente com o canto popular
e erudito e o descanto.
Com Chris Gomes
Fevereiro (locais e horários in-
dicados)

» **Debate**
Arte, Mercadoria e Espetáculo
Com a professora de econo-
mia da USP Leda Paulani e at-
vistas artísticas da periferia de
São Paulo
Dia 20/2, às 20 h

Mais informações e inscri-
ções no site www.kiwicriatedeatro.com.br

sumimos que o tema é complexo, mas temos, sim, o interesse em questões que comumente não são tratadas cenicamente”, diz Kinas. “Só para não falar no abstrato, posso dizer que tem muita música ao vivo em cena, são interpretados trechos das peças *Woyzeck*, de Böhmer, e *Os Sete Pecados Capitais*, de Brecht, há textos teóricos e imagens projetadas que se articulam para criar uma teia de significações. Não há dedo em riste.” Evidentemente que não há texto que não possa se tornar “teatral” e bem articulados e Kinas argumenta com o próprio

pensamento que funda seu trabalho para explicar o título. “Não estou preocupado em criar um título sedutor para vender um produto.” Faz todo sentido. Nesse espetáculo, que promete mesclar diferentes formatos — festa, sarau, intervenção, comédia, farsa, instalação, performance e happening —, espectadores e atores acomodam-se juntos, no palco. ■

Serviço
» **Teatro / Mercadoria**, 100 min.
12 anos. **Teatro Fábrica**, R. da
Consolação, 1.623, 3255-5922.
5.ª e 6.ª, 21 h. R\$ 12. Até 29/2



TBA - Projeção sobre atriz em cena de *Teatro Mercadoria* que busca criar uma teia de significações



» leia » pense » escreva » clique » crie um post » comente »
mostre seu perfil » veja » baixe » suba » assista » ouça »
o seu olhar movimentará a moda e o mundo »

materia jornal *Teatro/Mercadoria*

TRÊS METROS
QUADRADOS



Carne - Historias en pedazos
Meat -Stories in Pieces
Carne -Histórias em pedaços

Intervenção teatral que põe em cena a dois mulheres que apresentam estatísticas, representam pequenas histórias, mostram mulheres infantis, se postam obscenamente, encenam passagens bíblicas e cantam músicas discriminatórias, realizadas em el imaginário popular brasileiro. Reflexão sobre la desigualdad entre los sexos en los espacios públicos y privados.

A theatrical intervention that puts two women on stage who present statistics, perform short stories, show children's dolls, post themselves obscenely, enact biblical passages, and sing discriminatory tunes, rooted in the Brazilian popular imaginary. A reflection on the inequality of the sexes in public and private spaces.

Intervenção teatral põe em cena duas mulheres que apresentam estatísticas, representam pequenas histórias, mostram bonecas infantis, postam-se obscenamente, encenam trechos bíblicos e cantam músicas discriminatórias enraizadas no imaginário popular brasileiro. Reflete a profunda desigualdade entre os sexos que se manifesta nos espaços públicos e privados.

Membros / Membros / Membros:
 Fernanda Azevedo, Fernando Kinas, Marcia Bechara

Kiwi Companhia de Teatro

www.kiwicompahia.com.br

(Brasil)

Fecha / Date / Data:
 viernes / Friday / sexta-feira,
 28 de agosto

Lugar / Place / Local:
 Mapa Teatro

Hora / Time / Horário:
 10:30 p.m. / 22h30



TEATRO

Começa na bilheteria do Teatro Fábrica, em São Paulo, o protesto da Companhia Kiwi de Teatro contra o consumo banalizado. Na compra do ingresso para **Teatro/Mercadoria #1**, em cartaz até 29 de fevereiro, o público recebe uma cópia do manifesto **Arte Contra a Barbárie**. O documento que analisa a "situação de estrangulamento da cultura" e sugere alternativas à "poilica que privilegia o mercado e eventos promocionais" dá a linha do que será apresentado. Em cadeiras de plástico, os espectadores acomodam-se conforme podem e torcem o pescoço para acompanhar a leitura dos atores, com trechos de Walter Benjamin, Marx e Adorno. Nos intervalos, há vídeos publicitários e música ao vivo. A discussão é válida, mas o excesso de informações, por vezes embaralhadas, cria um clima de aula universitária. - ALV

50 CARTACAPITAL 30 DE JANEIRO DE 2008

Carta Capital: Teatro/Mercadoria

Alentados à sua Vida
 Texto: Martin Gring. Direção: Fernando Kinas
 Apresentação em duplo: Fábio Salveti, Anderson Chaga Gomes, Fábio Salveti, Fernando Azevedo, Fernando Kinas, Marcia Bechara, Marcia Branca (com participação eventual do público).

Carne
 Texto e direção: Fernando Kinas. Apresentação de duplo: Fábio Salveti. Com: Cláudio Gomes e Fernando Azevedo. Música: Eduardo Coimbra.

Ruanda
 Texto e direção: Fábio Salveti (a partir de Philip Greenfield) e outros. Direção: Fernando Kinas. Com: Cláudio Gomes, Fernando Azevedo e Maria Chacouras.

Eu Quem Ser Superficial
 Texto: Eduardo Jabrek. Direção: Adriano Taveira. Apresentação em duplo: Fernando Kinas. Apresentação de duplo: Fábio Salveti. Com: Cláudio Gomes e Fernando Azevedo.

Carta Aberta
 Direção: Apresentação de duplo: Cláudio Gomes, Fernando Kinas. Apresentação de duplo: Fernando Kinas. Apresentação de duplo: Mariana Wilson. Com: Lutz Scharf. Apresentação de duplo: Fábio Salveti e Stefano Schwingel. Direção: Nasta Flügel.

PROJETO TEATRO/MERCADORIA – PESQUISAS E REPERTÓRIO DA KIWÍ COMPANHIA DE TEATRO

ENCENAÇÕES
TEATRO: MULTIMÉDIA LITERÁRIA
COMO: PRODUÇÃO, PROCESSO, INTERVENÇÃO

SESC Consolação
 Segunda e quarta, 19h. De 13 a 21. Sábado de 20 a 22. RS 16, PG 6, SS 4
 • Leituras dramatizadas, debates e provocações coletivas:
 Dia 13: *Arbitrar a sua Vida*
 Dia 14: *Carne*
 Dia 15: *Ruanda*
 • Espetáculos e encenações:
 Dia 20: *Eu Quem Ser Superficial*
 Dia 21: *Carta aberta*
 Dia 22: *Teatro/Mercadoria # 1*
 Papéis com os três espectadores: RS 30, RS 15, RS 7,50. Para cada espectador: RS 16, RS 8, RS 4.

Teatro/Mercadoria # 1
 Apresentação de duplo: Walter Benjamin, Guy Debord, Theodor Adorno, Ernst Bloch, Per Hillebrand, Herbert Marcuse, Max Horkheimer, Klaus Mann, Antonio Gramsci, Karl Marx, Otto von Guericke, Maria Benedek, Rita Lorenzburgo, Georg Büchner. Direção e apresentação: Fernando Kinas. Apresentação de duplo: Fábio Salveti. Com: Cláudio Gomes, Eduardo Coimbra, Fábio Salveti, Fernando Azevedo, Fernando Kinas, Sílvia Adams, Lutz Scharf, Nasta Flügel. Direção: Cláudio Gomes. Apresentação de duplo: Eduardo Coimbra e Nasta Flügel. Apresentação de duplo: Cláudio Gomes. Com: Ana Maria Azevedo e Stefan Schwingel. Apresentação de duplo: Paulo Emilio.

